

EDIÇÃO 84

Suplemento Literário de Mato Grosso

Nódoa no Brim

TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL
28 DE FEVEREIRO DE 2023





Sumário

Editorial

3 *Claudia Zortea*

Amazônia Legal (poema)

4 **A velha Negra**
Pedro Casaldáliga

Carta da escritora

6 **Carta para Paulo Wagner**
Lucinda Persona

Conto

8 **Jazz Neon**
Thiago Costa

Resenha

10 **Criações ustópicas de Margaret Atwood: Oryx e Crake e a ficção especulativa**
Rayssa Duarte Marques Cabral

Crônicas

14 **O Fundo Oculto da Palavra**
Lucinda Persona

Ensaio

16 **Mulheres em Situação de Rua: um átimo da vida de Danila Correia Benitez**
Eliete Borges Lopes

Artigo

26 **A Representação da Figura Feminina na Novela El Celoso Extremeño de Miguel de Cervantes**
Paloma Cardoso de Oliveira

Expediente

O **Nódoa no Brim** tem por objetivo a criação de um espaço em que são abordados assuntos concernentes à arte literária e à relação dialógica que ela estabelece com outros campos do conhecimento, assim como outras artes. Embora grande parte das matérias publicadas seja uma extensão das atividades e discussões realizadas em nossos cursos de pós-graduação, o propósito do jornal é atingir, por meio de uma linguagem mais acessível, um público mais amplo, abarcando o leitor comum e o aficionado da Literatura e jornalismo cultural, através da divulgação de autores, obras e temas literários de relevância no cenário cultural contemporâneo e seu diálogo com as demais artes.

Direção geral: Walnice Vilalva

Equipe editorial: Walnice A. Matos Vilalva, Claudia Eliane Zortea, Tayza Codina, Maria Madalena da Silva Dias, Natália Marques da Silva, Luciene Candia, Rayssa Duarte Marques Cabral e Paulo Wagner Moura de Oliveira.

Artista Visual Homenageado: Emanoele Daiane.

Colaboradores: Pedro Casaldáliga, Lucinda Persona, Thiago Costa, Rayssa Duarte Marques Cabral, Eliete Borges Lopes e Paloma Cardoso de Oliveira.

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

CONTATO

email: nodoanobrim.mt@gmail.com

Publicação das edições de 2023

O Suplemento Literário de Mato Grosso Nódoa no Brim convida pesquisadores/as e escritores/as a submeterem artigos, ensaios, resenhas, contos, crônicas, poemas, carta do leitor às suas edições de 2023. Para acessar as regras de submissão, clique no link:

<https://ppgelunemat.com.br/submissao-nodoa>



Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino
Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000

Editorial

Na seção **Amazônia Legal**, Pedro Casaldáliga se faz presente e concreto no poema *A Velha Negra*, do livro **Antologia Retirante** (1978). É sempre importante, quando se fala de Casaldáliga, enfatizar a potência de sua poesia, nela a palavra poética não se esguia do sagrado e da evangelização.

Em consonância com o poema de Casaldáliga, o texto destaque desta edição é *Mulheres em situação de rua: um átimo da vida de Danila Correia Benitez*, ensaio de Eliete Borges Lopes. A autora deixa evidente que a condição da mulher em situação de rua se apresenta ainda mais problemática do que a do homem na mesma situação. A intenção do trabalho não é dizer quem sofre menos ou mais, mas “problematizar um fenômeno misógino entranhado no seio da cultura brasileira.”

As imagens publicadas nesta edição são da Fotógrafa Emanule Daiane, que, assim como Eliete, acompanhou o cotidiano das mulheres em situação de rua citadas do ensaio, e elaborou este belíssimo ensaio fotográfico. São imagens arrebatadoras, como toda boa arte, e mostram as mulheres em suas atividades diárias, desfrutando dos prazeres e mazelas da vida, como a dança e o velório de uma amiga querida, a Danila. As primeiras fotos foram feitas no ano de 2018, em Cuiabá, num encontro chamado Samba no Beco, evento promovido pelo Projeto Psicanálise de rua. As últimas são do velório de Danila Correia Benitez, mulher em situação de rua, sobre a qual fala Eliete Borges Lopes em seu ensaio.

A **Carta** é uma resposta à pergunta: “A intuição está presente em seu processo criativo?”, feita por Paulo Wagner, pesquisador de literatura e componente da equipe de revisores do Nódoa, à escritora Lucinda Persona. Temos, então, nesta edição, em vez de Carta à escritora, uma carta da escritora. A escrita de Lucinda Persona também está conosco na crônica *O fundo oculto da palavra*, um par da carta, porque ali ela vai continuar a dizer-nos sobre o processo criativo. Onde está a poesia? “No giro invariável e trivial

do dia que nasce [...]” e nas tantas outras tessituras já feitas, da qual ela mesma faz parte, e onde está Penélope, a musa tecelã, esta, que nas palavras de Lucinda, “fazia algo mais concreto e menos ambíguo”.

O conto *Jazz Neon* traz os “desencantos nas noites sem amor”; um encontro e muitos pensamentos neste texto introspectivo e cheio de referências temporais e espaciais. *Jazz Neon* é do livro **Mata rasa, cova grande**, publicado pela Rizoma Projetos Editoriais, em 2022, que marca a estreia do escritor Thiago Costa.

Rayssa Duarte Cabral resenha a dissertação e mestrado de Antonio Marcos Fonseca de Faria, intitulada **Os mal-estares da pós-modernidade em Orix e Crake (2003) de Margaret Atwood**. A dissertação é primorosamente destrinchada, instigando à leitura do texto integral e também da obra de Atwood.

O artigo *A representação da figura feminina na novela El Celoso Extremeño de Miguel de Cervantes* é assinado por Paloma Cardoso de Oliveira. No texto a autora faz um esboço da personagem Leonora e mostra ao leitor como ela é construída tendo em vista o contexto social em que vive a personagem. A novela de Cervantes, segundo Paloma, conduz à reflexão “sobre a ocupação social da mulher nas relações de gênero.” O artigo reitera uma das grandes características dos textos clássicos: a capacidade de se atualizar em épocas distantes das que foram escritos.

Boa leitura!



Claudia Zortea

A VELHA NEGRA

A velha negra, gorda, de blusa branca,
volta outra vez atrás de água,
com as duas velhas latas.
Milhões de escravas,
vindas de muitas pátrias,
desde muitas, antiquíssimas datas,
com ela marcham.

Nesta terra onde - dizem - não é problema a raça
a fonte chora, a fonte canta,
a velha negra gorda volta outra vez atrás de água.

Pedro Casaldáliga em **Antologia Retirante**, Civilização Brasileira, 1978.



Pedro Casaldáliga

Espanhol, nascido no município de Balsareny em 16 de fevereiro de 1928, veio para o Brasil na década de 60. Foi ordenado Bispo de São Félix do Araguaia em outubro de 1971 e permaneceu na região até o final de sua vida. Como bispo lutou em favor das minorias e contra o latifúndio, sendo perseguido por isso. Entre os escritos elaborados por Casaldáliga, estão cartas, diários, poesias, missas. Foi um exímio poeta, unindo rigor estético e fé.



Carta da escritora **Lucinda Persona** para Paulo Wagner



Lucinda Persona

Escritora, Poeta, Bióloga (UFMT), Mestre (UFRJ), Professora aposentada (UFMT / UNIC). Ocupa a cadeira nº 4 da Academia Mato-grossense de Letras. Com sete livros publicados (poesia), obteve, em três deles, premiação da UBE. Dois títulos publicados na literatura infantil. Integra antologias e revistas literárias.

lucindapersona@gmail.com

A "intuição" está presente em meu processo criativo?

Creio que para responder a essa indagação eu deva abrir um caminho falando exatamente sobre o meu processo criativo, dirigindo-me, por exemplo, a momentos remotos. Desde a infância, sempre recebi o mundo com o olhar atento, com afeto, com perplexidade e admiração. Desde cedo, "habitei a terra poeticamente" (valendo-me de uma afirmação de Hölderlin). Fui uma criança contemplativa, sonhava acordada, seduzida pela natureza: vento, sol, chuva, nuvens, plantas, animais. Talvez aí já estivesse germinando o chamado "estado poético". Antes de entender o que era poesia, ela já se apresentava em meu inconsciente. O próprio desejo da escrita nasceu a partir de uma experiência da infância, ouvindo a leitura de um conto de fadas, num momento em que o caminho racional ainda não me mostrara o que era ser um escritor. Grande parte do que me atrai e comove está na esfera cotidiana: paisagem, seres e objetos. Misturo-me às coisas animadas e inanimadas para louvar algum detalhe e transportá-lo para a dimensão amorosa da poesia. Sempre escrevo a partir da emoção experimentada na comunhão com o mundo real. No ato da escrita, nunca houve e não há uma intenção que não seja a de me alegrar com isso. Escrever é escutar minha secreta voz interior perante a matéria de poesia. O sentimento e o objeto em foco contribuem para o resultado (poema). Um "produto" que passa também por um trabalho mais racional, sem que eu saiba a proporção.

Gostaria de me estender mais, o que agora não me é possível. Entretanto, para atendimento da questão proposta, tentei trazer alguns aspectos envolvendo a complexidade da poesia e essa enigmática e atraente característica humana que é a intuição.

Lucinda Persona
01/10/2022

Jazz Neon

Ele passa sua barba por fazer no meu ombro pequeno e eu sinto seu perfume pesado. Ele me abraça e me beija. Eu penso no que estou fazendo, porque ainda estou aqui. Eu não sou uma mulher. Sou qualquer coisa que ama e rasteja. E respira sem saber, sem querer. Ele contorna minhas tatuagens com as mãos, nosso suor se confunde. Estou prenhe da agitação e da noite.

Ele me confessa estranhezas, suas fantasias de dor. Sorri-me com ternura. Eu suporto as carícias e seu hálito forte somente por dinheiro. Eu não sei o seu nome, nem ele o meu. Espero que se farte do desprezo ou do meu corpo e vá embora, mas apenas me olha, sussurra velhas canções de amor, é jazz, ele diz. Um caso de amor é feito uma canção de jazz, ele diz, vive-se pelo improviso. Todo o tempo, o tempo todo.

Ele acende o cigarro, eu estou em outro lugar. Pontos luminosos na penumbra do quarto de dormir. Lembranças de Hanói. Ele toca meu peito cansado, repousa entre minhas coxas. Ele me possui mais de uma vez, com promessas de um amor sereno e quase sem feridas. Vem comigo, ele diz, e me chama de rainha. Minha rainha, ele diz.

Por um instante eu aceito, e me vejo aventureira nas paredes brancas de cal. Vejo-me coroada no vermelho dos seus olhos,

na embriaguez do seu corpo, no torpor das madrugadas cheias de sonho. Então ele goza. E eu sinto na boca a ânsia satisfeita do outro. Em silêncio eu enlouqueço. Perco a razão. Em segredo faço-me em pedaços, rasgo-me ao meio. Eu tento segurar a fumaça. O que sobrou de Hanói. Meu grito emudece dentro de mim. Ele apenas me olha, sorri-me com doçura. É jazz.

O meu primeiro amor foi em Hanói. Um menino ainda, naquela época, diferente de agora. Ela era mais alta que eu, o rosto desfigurado pela maquiagem. Os cabelos loiros de *koletton*. Cento e vinte reais e eu gozo em oito minutos. O restante do tempo a gente conversa, finge que se importa. Conta mentiras, se engana.

Da janela gradeada, de vidro temperado, observo um céu sem estrelas. O céu de dezembro. A cidade marcada com os letreiros de neon, os enfeites de natal, os desencantos nas noites sem amor. Quase onze horas do dia vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e noventa e alguma coisa. Lá fora, ele caminha pensando ser o homem mais corajoso do mundo, inventando paixões e consolações a cada esquina. Não existem remédios para sua dor. Não existem remédios para nossa dor. É jazz.

Conto publicado do livro **Mata rasa, cova grande** (2022).



Thiago Costa

Thiago Costa é historiador. Autor de **Mata rasa, cova grande** (2022, Rizoma Projetos Editoriais). Foi vencedor do Primeiro Prêmio Pixé de Literatura (2019), e finalista da Off Flip (2021), ambos na categoria conto.

thiagocosta248@yahoo.com.br



Criações utópicas de Margaret Atwood: *Oryx e Crake* e a ficção especulativa

Em **Os mal-estares da pós-modernidade em *Oryx e Crake* (2003) de Margaret Atwood**, dissertação de mestrado recém defendida por Antonio Marcos Fonseca de Farias, há uma análise do romance a partir da teoria pós-moderna. Antes de adentrar na pesquisa propriamente dita, faz-se relevante apresentar a autora e a obra ficcional selecionadas.

Margaret Atwood é uma escritora contemporânea canadense, que já explorou os mais variados gêneros, tais como romance, poesia, conto, ensaio,

além de crítica literária. Reconhecida internacionalmente, com obras bem aceitas pelo público e pela crítica, Atwood foi, inclusive, agraciada com prêmios literários, como o da Ordem do Canadá. Sua obra mais famosa é o romance **O conto de aia** (1985). Nota-se, portanto, desde a escolha da obra, que Farias foge do óbvio ao trazer como *corpus* de análise crítica um bem menos conhecido da autora, **Oryx e Crake** (2003). O romance escolhido, comumente classificado como ficção científica, ficção especulativa e/ou ficção distópica, é o

primeiro volume de uma trilogia, que inclui, na sequência, **O ano do Dilúvio** (2009) e o desfecho **MaddAdão** (2013). Farias foca apenas no primeiro romance, o que é uma decisão acertada para uma pesquisa de mestrado.

O romance retrata um mundo pós-industrial e pós-apocalíptico, resultado da má aplicação da ciência, enfatizando que as atividades humanas, incluindo as experiências com a natureza, são as responsáveis por provocar o caos e a destruição da civilização. Trata-se da especulação de um futuro próximo, ainda bastante familiar, mas ao mesmo tempo estranho para o leitor. Neste mundo melancólico, habitado por criaturas biologicamente modificadas e tomadas pelo vício, a civilização e a linguagem desapareceram quase completamente, sendo colocadas em xeque questões éticas e morais sobre o futuro da humanidade. Nesse contexto, Farias defende que uma análise dessa obra de Atwood deve levar em consideração os vários questionamentos presentes na narrativa, tais como: o consumismo exacerbado; o poder das grandes corporações; as experiências genéticas e suas consequências; e as ameaças das armas biológicas.

Enquanto a personagem Jimmy/Homem das Neves reconstitui suas lembranças na tentativa de descobrir as origens dessa catástrofe irreversível, sua mente é povoada pelas vozes de seus amigos da juventude, o enigmático Crake e a sedutora Oryx, personagens-chave por trás do Projeto Paradiso, o grande responsável pela modificação definitiva da Terra e a derrocada da espécie humana. Assim, a verdade está na descoberta dos mundos interiores das personagens. O pesquisador esclarece que, em sua escrita, a autora faz uso de algumas estratégias, dentre elas, a construção de uma narrativa fragmentada e

não linear; e a inserção de um protagonista cuja identidade é complexa. Referidos questionamentos e estratégias são muito próprios da pós-modernidade e da ficção especulativa - gênero literário que ele aborda na pesquisa.

Diante disso, o objetivo geral da dissertação, qual seja: analisar o romance **Oryx e Crake**, a fim de explorá-lo a partir de duas perspectivas, a dos estudos sobre pós-modernidade e a das teorias sobre ficção especulativa foi bastante assertivo. Para tanto, Farias desenvolveu a leitura e interpretação do romance, com enfoque na caracterização das personagens que apresentam identidades complexas; e na estrutura narrativa fragmentada. Elementos esses que colaboram com a apresentação de dois geradores dos ditos mal-estares da chamada pós-modernidade, a insatisfação e a sede de prazer; temas que Farias toma como norteadores da narrativa.

No que se refere à estrutura, a dissertação está dividida em apenas dois capítulos: "Capítulo primeiro: revisão teórica" e "Capítulo segundo: *Oryx e Crake* em perspectiva", o que demonstrou bastante rigor metodológico com a cisão convencional da estrutura que costumamos encontrar nas teses e dissertações: um capítulo puramente teórico e outro com a análise da obra em questão. Tal escolha surpreende, uma vez que esse tipo de estrutura divide o trabalho em duas partes muito distintas e cartesianas: teoria e prática (análise), o que é, no mínimo, curioso, tendo em vista a temática escolhida pelo autor, tratar justamente da pós-modernidade. Há, então, uma quebra de expectativa em relação ao formato e disposição da pesquisa, pois talvez o que se esperasse fosse algo que rompesse com essa estrutura mais engessada e trouxesse maior inovação em sua estrutura, mas isso não aconteceu.



Rayssa Duarte Marques Cabral

Rayssa é licenciada em Letras - Habilitação em Língua Inglesa e Respectivas Literaturas (UFMT), Especialista em Gêneros Textuais (UFMT), Mestra em Estudos de Linguagem (PPGEL/UFMT), atualmente é doutoranda em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT).

rayssadmcabral@hotmail.com

No primeiro capítulo, Farias adentra em seu recorte temático, abordando a pós-modernidade e seus conceitos derivados, para tanto, traz como fundamentação teórica autores como David Harvey, Antoine Compagnon, Terry Eagleton, Jameson, Lyotard; após, aborda a questão dos mal-estares na modernidade e na pós-modernidade, com embasamento em **O mal-estar na civilização**, de Sigmund Freud e **O mal-estar da pós-modernidade**, de Zygmunt Bauman.

O Capítulo Primeiro, tem como enfoque a discussão sobre o suporte teórico que norteou a leitura do romance **Oryx e Crake**, envolvendo os conceitos de pós-modernidade, ficção especulativa, utopia, distopia, ustopia. Para desenvolver este capítulo lançou-se mão de textos dos teóricos Peter Barry (2002), David Harvey (2008), Hans Berthens (1995), Antoine Compagnon (1999), Terry Eagleton (1996), Fredric Jameson (2011), Sigmund Freud (2010), Zygmunt Bauman (1998), somado aos textos de Mabiana Camargo (2015), Marek Oziewicz (2017), Robert A. Heinlein (s/a), Roberto Causo (2003), Annie Neugebauer (2014), Cristhiano Motta Aguiar (2012), Suênio Stevenson Tomaz da Silva (2019), Margaret Atwood (2011), Leomir Cardoso Hilário (2013), Marilena Chauí (2008), Bernadete Pasold (1999) e Pedro Fortunato de Oliveira Neto (2018).

Nesse primeiro capítulo, ele contextualiza os termos, esclarecendo que o “pós-modernismo” foi uma nomenclatura usada pela primeira vez em 1930, mas o sentido usado na atualidade é resultante da obra **A condição pós-moderna**, de Jean-François Lyotard, publicado em 1979. Para discutir o termo, Farias baseia-se no geógrafo David Harvey, em sua obra *Condição Pós-Moderna*, na qual apresenta um panorama a respeito da natureza da pós-modernidade, que, segundo Harvey, tem refletido nos padrões do debate, definindo o modo do discurso e estabelecendo parâmetros para a crítica cultural, política e intelectual. Para Harvey, o pós-modernismo emergiu como movimento maduro entre 1968 e 1979, ainda que previamente houvesse um movimento antimoderno no início dos anos 1960. O pós-moderno pode ser

definido a partir de algumas palavras-chave, tais como heterogeneidade, diferença, fragmentação, indeterminação e a desconfiança (em relação a todos os discursos então universais ou totalizantes). Tanto no modernismo quanto no pós-modernismo há fragmentação, a diferença entre elas consiste na atitude para com a fragmentação e a descontinuidade. Tanta incerteza e instabilidade culmina em um consequente mal-estar, por isso a escolha do pesquisador de dialogar o conceito com Freud e Bauman.

Na sequência, percebemos um foco maior na conceituação dos termos: utopia, distopia e ustopia. Enquanto a utopia apresenta um ideal de perfeição e harmonia de uma sociedade; a distopia faz o oposto, cria uma sociedade que não deu certo, com evidências nos focos negativos; já a ustopia - termo criado pela própria Atwood (2011 *apud* FARIAS, 2022, p. 35):

[...] é um mundo que criei combinando utopia e distopia – a sociedade perfeita imaginada e seu oposto – porque, a meu ver, cada uma contém uma versão latente da outra. Além de ser, quase sempre, um local mapeado, Ustopia é também um estado de espírito, como um lugar qualquer na literatura de qualquer tipo.

Ao abordar a ficção especulativa, termo criado por Robert A. Heinlein (OZIEWICZ, 2017 *apud* FARIAS), o pesquisador sustenta que se trata de um modo literário que, por sua natureza, é muito coerente com discussões sobre temas referentes à pós-modernidade, uma vez que “A ficção especulativa é uma expressão literária legítima, que, como outros gêneros literários, deve ser compreendida como solução do engenho humano na busca de um entendimento aberto e multifacetado da realidade” (CAUSO, 2003 *apud* FARIAS, 2022). Em razão disso, discorre a respeito dessa categorização para classificar **Oryx e Crake**, do romance como ficção especulativa/científica, tendo em vista que os conceitos de utopia, distopia, ustopia, são frequentemente associados a ela.

No segundo capítulo, Farias adentra na análise do romance em si, a luz do que apresentou no capítulo anterior. Neste, alguns pontos da revisão teórica são aprofundados e concomitantemente é construída a análise do romance. *A priori*, o pesquisador optou por apresentar um sumário dos eventos de **Oryx e Crake** para contextualizar a leitura e interpretação do romance. Depois, percorreu mais profundamente a respeito da categorização do romance como ficção especulativa, estabelecendo um diálogo com os conceitos de utopia, distopia e ustopia. Diante disso, foram construídas evidências bem argumentadas de que referidos aspectos sugerem que o romance é uma narrativa sobre a pós-modernidade. Por conseguinte, o pesquisador encaminhou a discussão para a insatisfação e a sede de prazer, temas norteadores de sua reflexão e que são considerados geradores dos mal-estares da pós-modernidade.

Diante do exposto, é fácil concluir que a escrita da dissertação se deu de forma bem didática e organizada, com dois capítulos bem estruturados, o que demonstra zelo e cuidado por parte do pesquisador, razão pela qual recomendo a leitura para todos os interessados na obra de Margaret Atwood ou nas temáticas que envolvem ficção científica, utopia e distopia e que tenham curiosidade em conhecer também termos menos explorados no espaço acadêmico: a ficção especulativa e a ustopia.

FARIAS, Antonio Marcos Fonseca de. **Os mal-estares da pós-modernidade em Orix e Crake (2003) de Margaret Atwood**. UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu (Mestrado em Letras). Guarapuava-PR, 2022. 92 p. Defesa: 19/04/2022.





O FUNDO OCULTO DA PALAVRA

No giro invariável e trivial do dia que nasce, cresce, morre e depois renasce, vai escapando da vida um caudal de coisas cotidianas, práticas e necessárias. Tão essencial quanto este ar entrando-me pelas narinas, é o ofício com que tempero a realidade e que pode vitalizar todas as outras experiências. Tarefa de amorosa concentração no expediente noturno, quando acendo uma pequenina luz em cada olho.

Sigo desperta noite adentro, ativada pela escrita. Eis minha lavoura, o fundo oculto da palavra, com minha respiração ali enterrada. A noite é propícia, funde-se com minha sombra. Sinto-me atada à Via-Láctea, ao latejar tenebrosamente distante de suas luzes platinadas. A noite é origem de novas forças e novos rumos, meu tempo ideal em que as palavras partem de seu ninho invisível e pousam sobre a página.

Secretamente, destecho a madrugada para que os instantes perdurem. Que manobra, desmanchar a tapeçaria das horas. Penélope fazia algo mais concreto e menos ambíguo.

Nesse percurso temporal, atropelam-me os dias lotados de afazeres, notícias, céus variados, sombras peregrinas, enquanto

a noite vem plácida, ornada de motivos, orvalho, palavras. Palavras que se buscam e se conjugam, quando suas carnes assim determinam.

Lucinda Persona. Crônica publicada no livro *Miragens*, pela editora Entrelinhas, 2021.



Lucinda Persona

Escritora, Poeta, Bióloga (UFMT), Mestre (UFRJ), Professora aposentada (UFMT / UNIC). Ocupa a cadeira nº 4 da Academia Mato-grossense de Letras. Com sete livros publicados (poesia), obteve, em três deles, premiação da UBE. Dois títulos publicados na literatura infantil. Integra antologias e revistas literárias.

lucindapersona@gmail.com

MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA: um átimo da vida de Danila Correia Benitez



Eliete Borges Lopes

Pós doutoranda 2021-2022 – UNILA. Doutora em educação (2015- 2016). Mestre em educação (2009- 2011). Graduação em Educação PEDAGOGIA (2000-2004) pela UFMT.

teseeliete@gmail.com

Endereço este escrito à memória de Danila Correia Benitez, Andréia (Cheirosa) e a todos(as) aqueles(as) que sofrem nas ruas e levam a vida sem ter onde abrigar-se. Meu sentir em relação às mulheres em situação de rua como uma preocupação quanto à violência sistêmica empenhada contra o corpo feminino na cultura brasileira. Assim, sem querer explorar a dor e o desespero de Danila e de todas as moradoras em situação de rua no Brasil, me coloco como mulher em função das memórias dessas mulheres e de suas vidas no contexto das ruas.

Vou tratar das questões de gênero e violência como forma de circunscrever um átimo da vida de Danila Correia Benitez e a cultura de violência que circunda todas nós como mulheres e principalmente a vida das mulheres em situação de rua a vulnerabilidade relativa ao gênero se complexifica no quando da falta de moradia.

No trabalho com a população em situação de rua testemunhei muitas ocorrências de violências de todo tipo. Violências perpetradas contra as mulheres em específico. O caso da situação de rua é dos mais graves pois estas adveem tanto de homens na mesma condição, quanto de mulheres que não estão em condições de rua, quanto de de homens em geral (que não estão em condição de rua) e principalmente de homens em condição de policiais e seguranças em geral, seguranças particulares de lojistas e comerciantes.

As minúcias desse tipo de comentário para a análise da condição das mulheres em situação de rua serve para demonstrar justamente o quanto o mundo feminino no caso da condição da situação de rua, se apresenta ainda mais problemático do que a condição de rua dos homens. Menciono ainda que hoje já existem pesquisas sobre o abrigo temporário em albergues e geralmente o dado é o de que a porcentagem da presença feminina durante a noite nos estabelecimentos se dá em função do medo e risco de morte durante a noite.

Não é intenção deste trabalho dizer quem sofre mais ou menos ou transformar a análise numa escala. A ideia é problematizar um fenômeno misógeno entranhado no seio da cultura brasileira. O que a pesquisa demonstra é que por serem ainda mais vulneráveis que as mulheres que possuem empregos fixo e residência, as mulheres em situação de rua enfrentam uma condição adversa e de hostilidade na produção de sua subjetividade.

Danila, mulher moradora em situação de rua que suicidou frente à descoberta de que possuía uma série de doenças. Abriu o próprio ventre com uma tesoura; Cheirosa, mulher moradora de rua que morreu de mal súbito dentro de um supermercado na mesma localidade onde morreu Danila. A descrição de sua trajetória está na tese de doutoramento intitulada: **A vida no front: arte-fatos e afetos de uma comunidade em situação de rua** (Lopes, 2016) Disponível em: <https://ri.ufmt.br/handle/1/1877>; Maria, mulher moradora de rua que mora com seus dois filhos e vive de guardar carros com restos de papelão de uma loja no Bairro Boa Esperança, bairro da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso; Samara, mulher moradora de rua, amiga que dividia a vida com Danila; Ingrid, mulher moradora de rua também amiga de Danila. Ambas velaram a amiga Danila entre lamentos e fumaça de crack. Ainda vivem no Beco do Candeeiro; Tereza, mulher moradora de rua, que com perna amputada vive no morro da luz. Foi presa por tráfico e solta pelo estatuto do idoso.

Para nos determos na história de Danila, contextualizo sua vida e morte. Todas as imagens são da Fotógrafa Emanule Daiane. Que esteve presente em diversas ocasiões fotografando o movimento dos Moradores em Situação de Rua na Ilha do Bananal e no Centro Histórico de Cuiabá. Danila esteve presente num evento organizado pelo Movimento Negro junto a entidades como a Pastoral, um grupo de percussão e agentes de assistência social. Foi fotografada em todo o seu esplendor por Emanoele Daiane, que capturou o movimento de extase e de entrega de Danila à roda de samba.

No dia em que Danila faleceu, Joice e In-

grid organizaram um funk, pois dançar faz parte da dimensão de vida dessas mulheres em situação de rua. Todas elas moram no mesmo lugar: as ruas do centro da Cidade de Cuiabá, com exceção de Maria que mora no Boa Esperança – Região do Coxipó, relativamente distante do centro. As discriminações em torno do gênero feminino repetem-se quase que infinitamente, e os costumes provocam uma espécie de naturalização e banalização daquilo que em suma se deveria questionar parte a parte, prática a prática, conceito a conceito.

Essa naturalização chamamos de cultura misógina e por isso dizemos que no Brasil este tipo de cultura está inclusive acima da lei e da legalidade. As mulheres são como diz Agambem, matáveis. As mulheres em situação de rua ainda mais matáveis. A maneira como atuam os agentes anti-pedagógicos como: mídias, políticas e agenciamentos em torno do poder, costumes e moralidades imorais, trazem à tona não apenas os preconceitos nos níveis de discursos, mas também ações endossados pelo discurso misógino.

Essas culturas de normatização da vida matável produzem a cultura do “primeiro assassinato free”. Isso tem se mostrado como completamente absurdo e normalizado, tanto que Mato Grosso tem liderado os crimes de feminicídios e violência contra crianças do sexo feminino sem que isso seja problematizado do ponto de vista do questionamento quanto a forma de ação de governos e do Estado.

O Brasil tem liderado rankings internacionais de violência contra as mulheres e o Mato Grosso de igual maneira lidera em terceiro lugar o ranking nacional de violên-

A mulher brasileira além de ganhar menos que os homens, desempenha dupla ou tripla jornada de trabalho e sofre com o machismo e a misoginia...

cia contra as mulheres e de feminicídio. A mulher brasileira além de ganhar menos que os homens, desempenha dupla ou tripla jornada de trabalho e sofre com o machismo e a misoginia que a transforma em vítima de um sistema de desigualdades que ela pode inclusive reproduzir se não for bem instruída. Por sua vez, a instrução, a educação para as mulheres é cada vez menos incentivada.

Ainda existem fatores emocionais, socioeconômicos e culturais que tendem a deixar as mulheres em condições de submissão, ora por aspectos subjetivos, ora por aspectos financeiros de manutenção de sua própria vida e/ou de sua prole. É certo que os tipos de violências são muitos, e quando se cruzam diferentes aspectos da vida social na figura de uma única mulher os sofrimentos e opressões tendem a ser de vários âmbitos de maneira que a mulher brasileira pode estar marcada tanto pelo gênero, quanto pela cor, classe social, lugar geográfico, biotipo e sexualidade, acrescentando-se a isso o fato de ela não possuir moradia e termos uma pessoa carregada de um fardo social absolutamente direcionado a ser uma vítima potencial.

Assim é que são criadas as histórias de

vida de muitas mulheres marcadas por violências, humilhações públicas, agressões psicológicas e físicas e assassinatos, por discursos que as colocam como passíveis de serem assassinadas, violentadas ou aprisionadas. As mulheres em situação de rua estão na linha de frente desse front montado pelo sistema capitalista, pois, além de historicamente submetidas à misoginia, enfrentam uma geopolítica excludente que as transforma em espetáculos para a crueldade e a perversão. Lembremos aqui o épico de Lars Vontrier em Tess, para termos uma dimensão do panorama histórico, e não é só essa produção, existem muitas abordagens como: **O Processo de Joana D’Arc**, entre outros filmes e filmografias relativas a gênero feminino.

Neste sentido me importa uma questão: O que configura essa multiplicidade que é a mulher sob tais condições. Ainda que as mulheres tenham acesso à justiça, esta possui a marca masculina, pois incorpora seja em seu texto seja na figura legisladora de seus representantes a presença masculina e essa presença masculina é justamente transformada em mais um produto do sistema mundo capitalista a serviço daqueles que podem comprá-lo.



Se por um lado existam diversas frentes de combate à violência contra as mulheres, a auto-organização feminina caminha junto aos ditames do neo-conservadorismo no Brasil. Estes ditames neo-conservadores, machistas e misóginos estão incrustados na cultura e mais, são demasiadamente conhecidos e pouco combatidos, pois se fazem massificar pelas mídias e pelo próprio fazer diário do cotidiano e da política.

As mulheres desassistidas pelas políticas públicas padecem de todos os tipos de males. Se por um lado a cultura patriarcal não favorece nossa vida enquanto valor de vida, por outro, a justiça constituída por homens não nos é favorável. Tornando-nos presas fáceis de todo tipo de dilapidação moral e solapação de nossa identidade, seja através das diversas estratégias de cooptação de nossas ideias e criações, seja através de sutilezas do atravessamento da projeção masculina a partir de nossas trajetórias e nossos nomes próprios, vejamos os inúmeros casos de obras surrupiadas de mulheres pintoras, escultoras, escritoras, artistas e produtoras de conteúdo cultural e artístico.

Isto é, mesmo mulheres em uma certa classe social mais abastada sofreram e sofrem com estratégias misóginas de roubo de suas criações e de políticas de descré-

dito de suas produções. Pensem em como as mulheres em situação de rua sofrem um duplo roubo de suas potências de vida; o roubo social e o roubo cultural, que lhes pesa de forma existencial.

É certo que houveram ganhos em termos de legislação, mas ainda nos temos com costumes que pesam de maneira decisiva, mais até que a justiça, pois se fazem para essas mulheres como sentido de vida. Até porque estão mesmo excluídas do acesso à cultura mais geral. O suicídio de Danila me faz pensar uma vez mais, na condição de muitas mulheres, negras, jovens que gostam de funk que moram nas periferias que desejam criar seus filhos ou simplesmente realizar trajetórias de vida como se formar, trabalhar, ter segurança alimentar, ter moradia e em suma, viver. Viver a vida digna. Como é lícito viver.

Danila era uma dessas mulheres que viviam no centro da cidade como Cheirosa, Ingrid, Samara e Tereza. Todas vivendo sem assistências sociais de tipo algum. Meu contato com Danila foi esporádico, entre um encontro e outro comecei a saber sobre a vida de Danila quando a morte a atravessou. Me restou ajudar a velar seu corpo, escrever, registrar sua imagem e trazer sua memória. De maneira mais ou menos cro-



nológica conto aqui como foi o processo entre conseguir o corpo de Danila e travar a batalha para que ela não fosse enterrada como indigente.

Danila em movimento: celebração da vida e da morte

No dia 19 de Outubro de 2018 fiquei sabendo que Danila tinha morrido. Havia um grupo formado por instituições e sociedade civil que agrega pessoas em torno da assistência e suporte à população em situação de rua em Cuiabá. Esse grupo intitula-se Grupo de Trabalho POP-RUA. Ele foi instituído como Fórum desde 2016. De lá para cá havíamos promovido ações em prol da população em situação de rua. Inclusive no último Fórum POP-RUA Danila participou conosco.

No dia de seu velório, o Professor Luiz Augusto Passos, dedicou um momento a lembrar a vida de Danila um momento veio à tona: o momento em que ela dormia na porta do auditório após o almoço pegando um pouco do frescor do ar condicionado, para depois voltar às atividades no período vespertino, onde pode acompanhar seus companheiros falando junto a pesquisadores e integrantes do movimento nacional em prol da população em situação de rua. Fiz uma fala que ficou registrada pela Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. Contextualizei o panorama Geopolítico da situação da moradia no mundo a partir do Trabalho de Raquel Rolnik intitulado Guerra dos Lugares.

Do dia 19 de outubro ao dia 24 de outubro o Fórum se mobilizou em busca da família de Danila, recuperar seu corpo do

Instituto Médico Legal para ser velado e preparar um velório na Pastoral de Rua de Cuiabá. A Pastoral teve um papel importante neste momento pois se localiza no Beco do Candeeiro e acolheu pela última vez a menina Danila. A partir deste momento abrimos um grande parêntese para tratar das percepções de minhas percepções enquanto pesquisadora.

O corpo de Danila chega. Até então todos esperavam como que sem acreditar em gestos de esfregar as mãos, andar de um lado para outro, ir e voltar muitas vezes, abanar negativamente a cabeça, olhar silenciosamente para o chão.

O corpo de Danila chega. Rompe-se o silêncio. Passos. Correm as lágrimas. Até então estavam contidas. As mãos não se esfregam mais umas nas outras. Abrem-se gestos solidários. Seguraram o caixão a subir as escadas da Pastoral. Amparam abraços. Enxugam lágrimas. Rompe-se o silêncio e as palavras começam a fazer parte das cenas. Poucas palavras a princípios. Choro, o mur-

Passam pessoas que conheciam Danila, ficam um pouco e não aguentando mais, vão-se embora num misto de incredulidade e desespero.

múrio das memórias compartilhadas. O choro de Ingrid. O mais ruidoso lamento. Ela se debruça sobre o Danila fechada no caixão. Pede para vê-la. Desesperadamente se agarra a uma e outra pessoa pedindo e implorando pra ver Danila pela última vez. A família chora contida.

Passam pessoas que conheciam Danila, ficam um pouco e não aguentando mais, vão-se embora num misto de incredulidade e desespero. Desoladas e indignadas. Seus gestos um a um demonstram a preocupação e o medo, um medo terrível ronda a todos nós ali junto de Danila. Sabemos que somos igualmente suscetíveis. Estamos como ela. Uns mais, outros menos, perto

do mesmo limite. A partir daí o silêncio não tem mais vez. O silêncio é completamente rompido a partir do momento que Danila chega. Primeiramente no choro, nos gritos, nas palavras de desespero de suas amigas e se seguirá nas palavras que Passos profere em nome de Danila. “Se por acaso nosso coração nos censurar em aceitar que Danila possa estar com Deus, lembremos que o coração de Deus é maior que todos nós e que nele não há motivos para censura” foram as palavras do Teólogo e Filósofo professora Augusto Passos.

Foram invocadas as lembranças de cada um dos presentes sobre a vida de Danila. Cada um contou suas lembranças. Sua mãe, ela invocou o dia de seu nascimento da menina Danila. Seus familiares permaneceram durante todo o tempo perto dela. Aos poucos os moradores foram entrando e trazendo coisas de Danila. Uma coberta verde, um ursinho, flores, fotos que os familiares ganharam da equipe Psicanálise na Rua. As fotos foram escolhidas pela mãe e colocadas sobre o caixão de Danila.

As amigas de Danila trouxeram suas coisas para estarem junto dela pela última vez, cobriram o caixão com seu cobertor verde e choraram sua partida. Ingrid inconformada pedia para vê-la. Sua incredulidade era um misto de desespero, dor e revolta. Ingrid com quem tenho amizade me pede para deixar ver a Danila, vou até a mãe de Danila e pergunto se posso prometer a ela que no cemitério antes do sepultamento ela poderia abrir o caixão para que pudesse se despedir da amiga. A mãe concorda, volto a falar com Ingrid para que ela possa se tranquilizar a menos um pouco. Ela sai. Vai para casa, que é muito próxima, um pequeno quadrado abandonado cercado por paredes ruínas e com

um tecido feito porta.

Vou pra rua. Lá encontro vários moradores junto de Ingrid soltando fogos, como uma maneira de aliviar a tensão de tudo que está acontecendo e de mostrar de alguma forma que algo que estrondoso está acontecendo, que algo que é uma explosão de vida está acontecendo.

Os fogos tentam chamar a atenção da cidade para o fato de Danila morreu. A cidade não para pra ninguém. A cidade não para e ninguém tem ouvidos para ouvir o último canto dessa mulher que morreu. A cidade nunca para suas atividades seja qual for a nobreza do evento. Os amigos de Danila sabem disso e tentam desesperadamente chamar a atenção para sua dor, mas a cidade está inerte a essa e tantas outras dores, seja de quem for.

Danila está expressa, representada estrondosamente através dos fogos de artifício, uma, duas três vezes... e depois cessa com os barulhos dos motores e suas dores. Depois dos fogos, volto para o interior da Pastoral, enquanto esse fe-

nômeno se dá no Beco do Candeeiro, houve preces e orações para Danila, mãos que se estenderam sobre seu corpo a pedir por ela. Samara uma das amigas que esteve presente durante um bom tempo junto de Danila foi para casa, a mesma “casa” descrita anteriormente. Ingrid tenta arrumar uma caixa de som e percebo a sua intenção. Me coloco imediatamente em função dela.

Primeiramente tentamos com um morador que traz consigo uma caixa. Como não o conheço, começo a chama-lo de DJ. Pergunto se ele poderia emprestar o som, digo que eu posso me responsabilizar mas ele não confia. Há toda uma troca de informações entre várias pessoas sobre o *pen drive*,

As amigas de Danila trouxeram suas coisas para estarem junto dela pela última vez, cobriram o caixão com seu cobertor verde e choraram sua partida.



o som e quem vai liberar a caixinha para a performance, a música a ser tocada.

Nesse ínterim, entre conversas atravessadas e “corres”, por conta da resistência de DJ a emprestar a caixinha, ou também a chamada “embascação”, Ingrid joga a caixa de som do DJ no chão, mas em direção a ele, eu corro pra pegar a caixa, saber se não estragou e devolver ao DJ como forma de preservar a paz instável característica do rolê da rua. Como Ingrid jogou a caixa na direção dele, ele chegou até o objeto mais rápido que eu. Continuei andando até ele e pedi desculpas, ainda tentei “aliviar” para Ingrid, dizendo: “ela tá pilhada, fica gelo”.

Ingrid vai até à sua casa, que entendo que é também a casa de Samara e era a casa de Danila. Lá ela tenta conseguir uma caixa de som. Se demora lá dentro, fico receosa de que ela não volte ou de que decline de fazer a homenagem à Danila e chamo ela do lado de fora sem nem mesmo tocar o tecido que cobre a porta de entrada, para que não se sinta invadida. Ela fala que vai pegar o som. Samara sai de dentro da casa

já vestida, mas Ingrid ficou na casa. Samara desce para a rua em busca de *crack*. Volto para a parte de dentro da pastoral. Fico um tempo e volto para a rua.

Desta vez encontro Ingrid e pergunto: e aí você vai dançar um *funk* pra Danila? Ela fala que sim, vai pegar a caixa de som e volta para a casa. Samara está na rua junto com alguns homens. Eu fico na “produção”, entre ajudar a focar o trabalho, fazer um ensaio na rua e segurar o caixa para Ingrid e Samara.

Ingrid com a caixa começa a procurar a música, vai passando e escutando partes, selecionando. Samara escuta também e vai intervindo dizendo “essanão, essa não...” Ingrid é paciente e está concentrada em achar a música que represente uma vivência junto da amiga. Uma música que dançaram juntas e que traga mais uma vez, ela sabe, o sentimento de uma Danila que não mais vive.

Ingrid consegue escolhe as músicas, eu falo “então vamos?” Elas dizem “espera, a

gente precisa *dar um tapa*” e falo “não é melhor depois?” Ingrid me explica: “não, é assim que a gente fazia”, ou seja é preciso cumprir o ritual tal qual ele era vivido pelas três amigas. Eu não tenho mais nada a dizer. Digo apenas “tudo bem, vou esperar”. Me coloco a disposição “ficando na minha” e aguardando.

Elas se viram se afastam uns passos e fumam. Eu estou com o som, sinto o cheiro do *crack*. Espero elas estarem a fim de dançar. Ingrid volta até mim e coloca o som, eu fico segurando enquanto elas se posicionam, Ingrid fala “eu fico aqui e você fica aí, o meio é da Danila”. E dançam na rua fazendo uma espécie de ensaio. Um espaço entre elas para a amiga morta o ritual está prestes a acontecer. O ensaio acontece na calçada do Beco. Na parede entre as duas a palavra VIDA, que faz parte de uma pichação: *vida loka*. Escrita comum para falar da vida em suas dimensões tão extremas que é a vida que se leva na rua.

O ensaio acontece ali, na calçada, com a produção feita por duas meninas que arrancaram forças criativas da dor para fazer por uma amiga um gesto de arte, a vida acontecer em meio à morte e à violência, uma homenagem com o corpo. Samara usava um batom rosa forte. Rosa era a cor predileta de Danila. Ambas usavam um boné branco como parte do figurino. O cachimbo e o isqueiro nas mãos e o corpo que dança, o corpo como forma de arte, como condição de possibilidade de expressar o luto, de prestar o adeus a uma companheira de vida. O *funk* como forma de lembrar a memória de Danila, como maneira de dançar em vida, de dançar em morte.

Quando dançaram na rua, Ingrid e Samara guardaram o lugar de Danila, isso é o mais importante de toda a cena e de tudo

que foi vivido ali. Ela, Danila, estava ali conosco, entre Ingrid e Samara e mais, ela estava ENTRE nós (PASSOS, 2010).

Esse **entre nós** que elas tão bem souberam expressar ninguém mais soube, porque sua ausência realmente causava dor e a maneira de dizer dessa dor era invocar na presença do corpo de Danila a sua presença viva. Esse **entre nós** estava também entre ninguém mais se importar com o que estava acontecendo e esse **entre um tempo que teve que parar para estar entre nós** alguém que absolutamente não haveria de importar. Essa pessoa, a Danila, esteve entre uma vida na rua que ninguém soube ver nem ouvir, nem ser capaz de não se deixar morrer.

Quando dançaram na rua, Ingrid e Samara guardaram o lugar de Danila, isso é o mais importante de toda a cena e de tudo que foi vivido ali.

Por que entre estar com essas pessoas e estar junto delas e partilhar de seus mundos não foi capaz de preservar a presença? Essa ausência havia já sido anunciada e essa ausência estava como corpo antes e por que não foi sentida como uma dor? Por que essa ausência anunciada não teve um significado antes de se tornar uma dor revelada na partida? Esse estar entre um e outro me faz refletir: ela estava entre nós efetivamente, e por que não fomos capazes de evitar que sua ausência por suicídio fosse pressentida? Por que duvidamos disso? Por que insistimos em achar que viveria Danila? Quando nós nem sequer um mínimo de dor que ela aturava sentíamos, sabemos que pensaríamos na mesma alternativa e que provavelmente nas mesmas condições faríamos o mesmo.

Por que não pensamos assim em relação a quem vive na rua? Se nossa vida é doída, imagina quem nessas condições não encontra nada, nem abrigo, nem possibilidade de vida, por que achar que essas pessoas aguentarão, quando sabemos que

nós mesmos não aguentaríamos?

Ingrid e Samara disseram bem, ela está entre nós, mas num entre que é ausência. Ingrid e Samara dançaram na ausência de Danila, com seu caixão por entre as duas e Danila ali imóvel, como vencida, não por doença mas sim por não ter condições de continuar com a vida.

Pouco sabemos da vida dessas mulheres (BORGES, 2018). Pouco pudemos intervir ou garantir direitos dentro do sistema patriarcal, onde o gênero feminino é em quase sua totalidade ignorado enquanto potência de vida e muito mais pensado e feito objeto de uso ou força de trabalho. Ingrid, Samara e Danila fogem a esses costumes. Fogem ao que está posto enquanto disciplina do corpo ao que está posto enquanto espiritualidade. Depois do ensaio retratado na fotografia de Emanuele Daiane, fomos para o interior da Pastoral onde Ingrid e Samara dançaram para Danila e de igual maneira, ambas se posicionaram uma de cada lado do caixão e dançaram *funk*, como mencionado anteriormente. A homenagem à sua amiga havia sido feita. Saíram e mesmo a caixa de som ficou pra traz. Fui até elas para devolver e agradecer.

Ainda fiquei mais um tempo junto dos familiares e amigos. Fui-me embora e elas ficaram no Beco com parte dos moradores, queriam acompanhar Danila até o cemitério e várias pessoas que ajudaram a viabilizar o enterro de Danila. Caminhei pela praça pensando nas vezes que vi Danila transitando pelo território, atravessada de um sentimento sem nome, sem descrição seguiu para trabalhar, em meio ao ruído dos carros e da cidade barulhenta com seus muitos compromissos.

Referências

LOPERS, Eliete Borges. MULHER MORADORA DE RUA: história de vida de Cheirosa In PEREIRA, Lisani da Conceição Patrocínio Pereira (Orgs. et ali) Mulheres, Territórios e Identidades: Despatriarcalizando e descolonizando conceitos. Curitiba-PR: EdCRV, 2018.

FREIRE. Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores associados, Cortez, 1989.

PASSOS, Luiz Augusto. Cultura: Flecha humana e cósmica que aponta o caminho para os sentidos. In: GRANDO, Beleni Salette. PASSOS, Luiz Augusto (Orgs). O eu e o outro na escola: contribuições para incluir a história e a cultura dos povos indígenas na escola Cuiabá: EdUFMT, 2010.





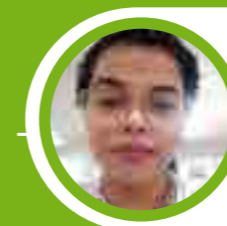
A Representação da Figura Feminina na Novela *El Celoso Extremeño* de Miguel de Cervantes

Este texto tem por objetivo analisar a representação da figura feminina por meio da personagem Leonora na novela **El celoso extremeño**, de Miguel de Cervantes (1613), para isso analisaremos também o modo como a personagem é apresentada e age considerando o seu contexto social. Utilizaremos fragmentos do texto, a partir dos quais destacaremos as características da personagem escolhida em relação às suas atitudes em seu relacionamento com os demais personagens: seus pais, Carriazales, Loayosa e suas criadas.

A novela de Cervantes conduz o leitor a refletir sobre a ocupação social da mulher nas relações de gênero. A narrativa apresenta um discurso coerente com as experiências embasadas na doutrina católica e na tradição patriarcal, apresentando um olhar crítico sobre a situação da mulher no enfrentamento social com o discurso preponderante.

Sob essas conjecturas, este texto debate a representação do universo feminino em **El celoso extremeño** contemplando o pensamento patriarcal predominante. Entretanto, faz-se necessário apontar que, a representação feminina inserida no texto cervantino está de acordo com as ideias e práticas do século XVII, e apesar disso, se apresenta de modo muito coerente com as dificuldades enfrentadas na atualidade. Diante desse apontamento, vale reforçar que a mulher e a implicação de sua atuação na vida doméstica ou nos espaços públicos constitui assunto recorrente no plano ficcional cervantino.

A caracterização de Leonora é baseada em seu relacionamento com os outros personagens. A partir disso, sua personalidade vai sendo construída juntamente com a narrativa e por meio da sua interação com os demais.



Paloma Cardoso de Oliveira

Nascida em 24 de abril de 1998, na cidade de Cacoal, Rondônia. Mora em Tangará da Serra-MT desde os seus nove anos de idade. Se formou em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Espanhol, pela UNEMAT, Campus de Tangará da Serra, em 2021. Atualmente, atua como professora na rede municipal e é mestranda pelo PPGEL, UNEMAT.

paloma.cardoso@unemat.br

Y, estando resuelto en esto, y no lo estando en lo que había de hacer de su vida, quiso su suerte que, pasando un día por una calle, alzase los ojos y viese a una ventana puesta una doncella, al parecer de edad de trece a catorce años, de tan agradable rostro y tan hermosa que, sin ser poderoso para defenderse, el buen viejo Carrizales rindió la flaqueza de sus muchos años a los pocos de Leonora, que así era el nombre de la hermosa doncella. (CERVANTES, s.d., p.04)

No fragmento, a beleza de Leonora é realçada por meio do uso do intensificador “tan” que indica que sua beleza não é normal, e sim superior à das demais mulheres, comprovado pelo fato de Carrizales se render imediatamente aos encantos da moça. Além de sua beleza, neste fragmento há também o destaque para outra característica, a juventude/infância da jovem. Em outras partes do texto, há momentos que descrevem a garota com atitudes infantis e não como uma mulher casada; suas atitudes não correspondiam à sua posição social, mas sim às de uma garota, que realmente era, que ainda queria viver e aproveitar sua infância.

Embora privada de sua liberdade, Leonora criava recursos e subterfúgios para continuar sendo ela mesma, ou seja, uma criança, aproveitava o tempo brincando com suas criadas, ao tentar tirar proveito de sua infância. “[...] Leonora andaba a lo igual con sus criadas, y se entretenía en lo mismo que ellas, y aun dio con su simplicidad en hacer muñecas y en otras niñerías, que mostraban la llaneza de su condición y la ternera de sus años [...]” (CERVANTES, s.d., p. 6).

Nessa perspectiva, podemos dizer, através da construção narrativa do texto, que Leonora não possuía atitudes compatíveis com o lugar que ocupava; segundo a narrativa, apresenta atitudes desviantes de seu papel social de mulher casada. Isso se deve, principalmente, pelo fato de ser muito nova para tal posição.

Como já mencionado na introdução e com base em suas características subjetivas vistas no texto, verificamos que Leonora é apresentada como uma personagem submissa; sua submissão manifesta-se tanto em relação aos pais quanto ao marido Carrizales. Observa-se a ausência da expressão da vontade de Leonora na narrativa, a falta de sua opinião sobre o casamento e sobre o seu próprio futuro, diante de todas essas questões a voz da jovem não aparece na narrativa.

Além de sua beleza, neste fragmento há também o destaque para outra característica, a juventude/infância da jovem.

La tierna Leonora, aún no sabía lo que la había acontecido; y así, llorando con sus padres, les pidió su bendición, y despidiéndose dellos, rodeada de sus esclavas y criadas, asida de la mano de su marido, se vino a su casa; y, en entrando en ella, les hizo Carrizales un sermón a todas, encargándoles la guarda de Leonora; y que por ninguna vía, ni en ningún modo dejasen entrar a nadie de la segunda puerta adentro, aunque fuese al negro eunuco. (CERVANTES, s.d., p. 5)

Toda a descrição da jovem é feita de maneira que a coloca como submissa e ingênua (chorando sem entender bem o que havia acontecido), que não questiona ninguém e aceita tudo o que a impõem. Fato que segundo Beauvoir (1970, p. 15) faz com que “[...] a mulher não se reivin-

dica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro. [...]”. Em contraposição, a figura masculina (Carrizales) coloca-se como superior “[...] A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. [...]” (BEAUVOIR, p. 9, 1970).

Diante de sua ingenuidade e submissão internalizada a jovem comporta-se completamente neutra e passiva diante do tratamento de seu marido e seu relacionamento com ele. “[...] Su demasiada guarda le parecía advertido recato: pensaba y creía que lo que ella pasaba pasaban todas las recién casadas. [...]” (CERVANTES, s.d., p. 6). A jovem acha que todos os casamentos são iguais aos seus, o que pode revelar a ideia de casamento no contexto da sociedade em que Leonora vivia, que todos os casamentos são iguais ao dela e por isso, ela deve permanecer submissa ao marido, pois é desse modo que o casamento funcionava, e assim ela aceita as ordens e o ciúme do marido, que a mantinha na prisão particular dentro de sua casa. Dessa forma, pode-se concluir que ela pensa assim, porque nunca viu outra realidade. Portanto, a obra tende a indicar que quem não conhece muito da realidade pensa que o mundo se resume à sua própria experiência.

A decisão de Leonora de ir embora para o convento após a morte de Carrizales também demonstra que, além daquela realidade que vivia, a vida encarcerada dentro de casa e presa a uma relação abusiva e de submissão, essa é a única possibilidade para ela, por ser também a única conhecida. “Para uma ordem assentada no religioso, a situação de pecado representava uma ameaça bem mais extensa; uma ameaça que sublinhava cada

ação no cotidiano” (LIMA, 2007, p. 253). Por esse motivo, ela não vai ao encontro do jovem por quem estava interessada, mesmo estando livre. Por conseguinte, as ações de Leonora e sua última decisão de ir ao convento são atitudes adotadas com base em seus preceitos formados a partir de suas relações sociais resumidas à convivência com seus pais e depois com Carrizales.

Outro apontamento importante de se fazer é em relação as divisões da mansão feita por Carrizales, na qual Leonora ocupava apenas certos espaços, sua circulação limitava-se à cozinha e ao quarto. Tal detalhe salienta e imita convenções da própria sociedade na qual ela está inserida, onde há espaços e atitudes pré-definidas para cada sexo.

De acordo com Bourdieu (2002), a divisão entre os sexos, que contribui para a solidificação da ideia de superioridade masculina, é tida como algo normal, natural, indissociável dos meios sociais. Em casa há espaços/ou cômodos considerados femininos e outros masculinos. Por exemplo, a cozinha é geralmente associada à mulher e a garagem ao homem, ao masculino. Assim como as divisões sociais, cabe ao homem sair para o mundo e trazer o sustento para casa e à mulher realizar as tarefas domésticas. Como grande exemplo podemos citar a **Odisseia**, que narra o demorado regresso de Ulisses para a sua casa depois de lutar na Guerra de Tróia, na qual ele vive diversas aventuras, até voltar para Ítaca, enquanto a sua esposa, Penélope, lhe espera em casa, guardando o lar e realizando os afazeres domésticos que são atribuídos à mulher.

Gagnebin (1997) ao trazer a analogia que Platão fez em **O Banquete** sobre as figuras das “flautistas, parteiras e guerreiras” afirma que

Desta maneira se esboça, atrás da figu-

ra da flautista, uma das grandes divisões do discurso filosófico: a razão e o sério ficando do lado dos homens e entre eles, na praça pública ou na sala de estar, a poesia e as besteiras charmosas do lado das mulheres, no interior da casa. Velha cisão da qual sofremos ainda hoje, mulheres condenadas à tagarelice ou então ao mutismo (e à histeria), homens condenados ao falar-certo e ao falar-de-mais. (GAGNEBIN, 1997, p. 41)

Desse modo, ao homem é atribuída a característica transgressora de se desafiar, de sair e viver aventuras; não há nada que o prenda ou reprima suas ações, como afirma o filósofo/sociólogo francês, “[...] a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção. [...]” (BOURDIEU, 2002, p. 10). Entretanto, constata-se que, embora controversa e passiva, a atitude de Leonora era a única possível para a realidade da sociedade em que a jovem menina estava inserida.

Desse modo, concluímos que a representação ordinária no texto e as figuras femininas nas relações de gênero se tornam um percurso simbólico que leva ao cenário ficcional. Assim, uma leitura breve dessa novela cervantina pode revelar o estereótipo de mulher consonante com o modelo vigente de uma mulher fraca, delicada, sensível, ingênua e condescendente às suas funções de esposa e mãe.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Edwrigens A. Ribeiro Lopes de. **A representação de gêneros nos tempos de Cervantes: La española inglesa.** Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez, 2021- ISSN: 2318-7131- vol. 21, nº 2, p-79-95. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/250>. Acesso em: 08 de nov. de 2022.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Difusão Europeia do Livro. São Paulo: 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CERVANTES, Miguel de. **El celoso extremeño.** s.d. Dispo-

nível em: www.rinconcastellano.com. Acesso em: 10 de dez. de 2018.

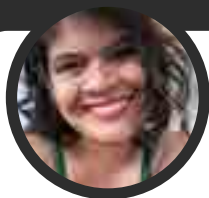
DEFOURNEAUX, Marcelin. **A vida quotidiana em Espanha no século de ouro.** (Trad. de André Carga) Lisboa: Livros do Brasil, 1983.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **As flautistas, as Parteiras e as Guerreiras.** In: Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.39-49.

LIMA, Luiz Costa. **A problemática dos livros de ficção entre os espanhóis do século XVI.** In: LIMA, Luiz Costa. Trilogia do controle. 3 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.



Artista Visual Homenageada:



Emanoele Daiane

Fotógrafa desde 2015, Emanoele Daiane foi premiada no concurso de Fotos Amadoras de Museus e Paisagens Culturais, promovido pelo Museu Histórico de Mato Grosso. Graduada em Tecnologia em Fotografia pela Universidade de Cuiabá (UNIC), produz conteúdos de foto-documentários e atua como fotojornalista Freelancer, tendo publicações em sites nacionais e regionais.

Participou do projeto 300 é Digoreste, como fotógrafa Still. Em 2017 e 2018, foi expositora do Projeto de Extensão FísicArte. Em 2019, participou da exposição Festas Religiosas de Cuiabá, no Museu de Arte Sacra de Mato Grosso. Em 2021, participou do projeto Quintais em Cuiabá. Atualmente trabalha como fotojornalista na prefeitura de Cuiabá.

emanoeledaiane23@gmail.com

Realização



UNEMAT